



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS URUÇUI
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DOMINGAS DE FÁTIMA CARDOSO DE SOUSA

**APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS COMO FERRAMENTA
DIDÁTICA PARA A DISCUSSÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO**

URUÇUI-PI

2025

DOMINGAS DE FÁTIMA CARDOSO DE SOUSA

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA
PARA A DISCUSSÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Piauí, Campus Uruçuí.

Orientador: Prof. Dr. Ícaro Fillipe de Araújo Castro

URUÇUÍ-PI

2025

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA A DISCUSSÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO

Domingas de Fátima Cardoso de Sousa¹

Ícaro Fillipe de Araújo Castro²

RESUMO

A escola é o espaço ideal de discussão para diversos temas que contribuem com a formação integral dos indivíduos, devendo também ser um local promotor de saúde. Nesse sentido, a discussão da educação sexual no ambiente escolar voltada a crianças e adolescentes é essencial, principalmente no ensino médio, seja por conta da puberdade alcançada nesse período, ou por ser o momento de início da vida sexual de vários jovens. Por isso, esse trabalho teve como objetivo conhecer o perfil sexual de discentes do Ensino Médio de uma escola situada em Uruçuí-PI, bem como avaliar a aplicabilidade e eficácia do método ABP para a discussão e promoção da saúde sexual no Ensino Médio. A pesquisa possui caráter aplicado, abordagem quali-quantitativa, e natureza experimental. Para sua realização, será realizada visita a uma escola pública situada no município de Uruçuí, Piauí, sendo o público-alvo discentes do segundo ano do Ensino Médio. A pesquisa revelou conhecimento intermediário sobre sexualidade entre estudantes, com a internet como principal fonte de informação, evidenciando lacunas familiares e escolares. Comportamentos de risco, como uso inconsistente de preservativos e envolvimento com álcool, destacaram vulnerabilidades a ISTs e gravidez precoce dos estudantes participantes. A metodologia ABP demonstrou eficácia ao promover engajamento, reflexão crítica e conexão com a realidade, melhorando a percepção dos alunos sobre o tema. A abordagem incentiva o protagonismo discente, reforçando a necessidade de intervenções educativas contínuas e contextualizadas.

Palavras-chave: Ensino de Biologia. Puberdade. Infecções Sexualmente Transmissíveis, Saúde.

ABSTRACT

Schools play a fundamental role in fostering comprehensive education, including health promotion. Sexual education for adolescents is particularly crucial in high school because it coincides with the onset of puberty and sexual activity. This study aimed to assess the sexual behavior of high school students in Uruçuí, Piauí, and evaluate the effectiveness of Problem-Based Learning (PBL) in promoting sexual health awareness. Using a mixed-methods experimental approach, the research involved second-year high school students from public schools. Findings indicated that students had only intermediate knowledge about sexuality, relying heavily on the internet due to insufficient guidance from families and schools. Risky behaviors, such as inconsistent use of condoms and alcohol consumption before sex, increased their vulnerability to STIs and early pregnancy. The PBL method was found to be highly effective in fostering student engagement, critical reflection, and real-world relevance. By encouraging active participation, PBL helped students reassess their behaviors and recognize the importance of safe sexual practices. This study underscores the need for continuous, student-centered educational interventions to effectively address gaps in sexual

¹ Licencianda em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Uruçuí. E-mail: cauru.20211171bio0433@aluno.ifpi.edu.br

² Professor Doutor do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Uruçuí. E-mail: icaro.castro@ifpi.edu.br

health education. Schools must adopt dynamic approaches like PBL to empower adolescents with essential knowledge and decision-making skills.

Keywords: Biology Teaching. Puberty. Sexually Transmitted Infections, Health.

Data de aprovação: 09 de Julho de 2025.

1 INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente essencial para promoção de saúde, logo é um espaço no qual crianças e adolescentes desenvolverão habilidades pessoais relacionadas ao seu corpo (Aurino, 2019). Nesse contexto, discutir a educação sexual nesse espaço formativo é essencial, uma vez que a escola dispõe de informações precisas sobre o tema, e que muitas vezes não são abordadas no ambiente familiar devido ao tabu existente, contribuindo para a desinformação.

Percebe-se que temas que estão relacionados à saúde, e principalmente à sexualidade, atraem grande interesse dos jovens, logo devem estar inseridos no contexto escolar dos educandos, principalmente na disciplina de biologia (Maldonado; Sudério, 2021). As discussões de conteúdos ligados à saúde sexual são indispensáveis, principalmente no ensino médio, seja por conta da puberdade, ou pelo fato de grande parte dos alunos iniciarem sua vida sexual nesse período.

De acordo com o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS, 2020), as ISTs são o problema mais comum em todo o mundo e os jovens são a população mais afetada. Isso porque a adolescência é uma fase que envolve o desejo de se sentir mais independente na tomada de decisões. Para a maioria, também está associado a um maior número de parceiros sexuais, ao uso menos frequente de preservativos e ao uso de drogas durante a atividade sexual.

O risco de contrair ISTs e de se ter uma gravidez indesejada nesse período é muito grande, pois a utilização do uso do preservativo é baixa e muitas vezes a falta de informação entre essa classe também é bem significativa (CAD, 2006). Alguns aspectos que estão relacionados à sexualidade assumem posição de destaque neste período, tornando-se imprescindível a supervisão dos adolescentes por parte dos pais e da escola a fim de contribuir para o desenvolvimento pessoal saudável (Lara; Abdo, 2015; Palma et al., 2015). Nesse sentido, deve-se garantir um aprendizado efetivo aos discentes, que devem participar como membros ativos do processo de construção, deixando de lado o caráter tradicional no qual o professor é o centro e detentor de todo o conhecimento. Assim, o ambiente escolar é o local

onde os discentes devem se sentir à vontade para expor os seus pensamentos, e serem participativos no processo de ensino e aprendizado (Sousa; Costa, 2023).

Dessa forma, métodos ativos de aprendizagem se revelam como ferramentas caracterizadas por favorecer o protagonismo, a participação direta e a reflexão crítica do discente, para construção do seu conhecimento e do seu processo de aprendizagem mais significativo e prazeroso (De Souza; Luquetti; Torres, 2023). Um dos métodos ativos que merece destaque é a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), método esse que se propõe a apresentação de um problema real ou simulado, e grupos de alunos buscam levantar hipóteses para resolvê-lo e/ou explicá-lo (Melo; Baggio; Pinto, 2022).

Trabalhos que busquem discutir temas de saúde no contexto escolar se mostram como estratégias fundamentais para a manutenção do bem-estar dos discentes, uma vez que a escola deve ser responsável por promover debates que estimulem o autocuidado, e contribuam integralmente à saúde dos seus estudantes, inclusive em aspectos sexuais. Por isso, esse trabalho tem como objetivo conhecer o perfil sexual de discentes de uma turma de segundo ano em uma escola situada em Uruçui-PI, bem como avaliar a aplicabilidade e eficácia do método ABP para a discussão e promoção da saúde sexual no Ensino Médio.

2 METODOLOGIA

A pesquisa possui caráter aplicado, abordagem quali-quantitativa, uma vez que falas dos participantes serão coletadas e analisadas qualitativamente, bem como será avaliado o percentual de respostas para as questões objetivas propostas. Os objetivos têm um caráter exploratório, uma vez que o pesquisador busca um primeiro contato com o tema, buscando familiarizar-se e reconhecer-se os tipos relações existentes. Por fim, a natureza da pesquisa é experimental, pois nela o pesquisador participa ativamente na condução do fato avaliado, modificando-a, e avalia as mudanças no desfecho principal para obtenção dos resultados (Fontelles *et al.*, 2009). A escolha do tema partiu de um direcionamento da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que faz uma menção direta sobre a educação ou orientação sexual em suas competências e habilidades específicas (Brasil, 2018).

Para a realização deste trabalho, realizou-se uma visita à uma escola pública situada no município de Uruçuí, Piauí, buscando-se estabelecer contato com a gestão institucional, objetivando-se anuência para ocorrência da pesquisa, sendo o público-alvo discentes do segundo ano do ensino médio da respectiva escola participante. Inicialmente, os discentes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e convidados a participar através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) entregues aos maiores de 18 anos, ou

de um Termo de Responsabilidade (TR) entregue aos menores de idade, que foram devidamente assinados pelos responsáveis.

Após o recebimento dos termos devidamente assinados, os discentes foram convidados a responder a um questionário (Q1) com questões que buscaram estabelecer um perfil sexual para os participantes, possíveis riscos em sua conduta sexual, bem como a presença da educação sexual no cotidiano escolar.

Após aplicação do Q1, os discentes foram apresentados a um caso baseado no método ABP, e os discentes participantes foram divididos em grupos. Posteriormente, os alunos formularam hipóteses explicativas para o problema identificado, tendo em vista os conhecimentos prévios que dispõem sobre o tema, e posteriormente realizaram um resumo dessas hipóteses.

Após tais etapas, os discentes formularam objetivos de aprendizado, e cada discente realizou um estudo individual dos assuntos relacionados aos objetivos de aprendizado (em casa, na biblioteca, em salas de estudo, etc.). Na aula seguinte, após sete dias, os grupos se juntaram para uma nova discussão do problema com base nos conhecimentos adquiridos no passo anterior, e por fim os discentes de cada grupo trouxeram as possíveis respostas para situação problema. Deve-se enfatizar que possíveis dificuldades ou pontos não alcançados pelos discentes foram reforçados pelo professor mediador, buscando-se sempre o processo de aprendizado.

Após todo o desenvolvimento do método ABP, um segundo questionário foi aplicado (Q2), e buscou conhecer a percepção dos estudantes o método ABP e seu aprendizado. Buscando-se avaliar aspectos qualitativos, todas as interações verbais de discentes e docentes no momento da aula foram gravadas, utilizando-se para isso o aparelho Gálex A16. Ressalta-se que os discentes e responsáveis foram previamente esclarecidos sobre a gravação de áudio por meio dos termos aplicados, e que todos concordaram com os termos. As falas obtidas foram transcritas e analisados seus conteúdos, utilizando-se para isso o método estabelecido por Ferreira e Loguecio (2014). Visando preservar a identidade dos discentes, seus nomes não serão evidenciados nas citações de suas falas, e por isso serão representados por números.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados foi realizada com base no questionário aplicado Q1, nas observações em sala e nas falas dos discentes durante a aplicação da metodologia ABP. No Q1 haviam perguntas que identificavam a idade, o sexo e o perfil sexual dos discentes.

Participaram do estudo 22 alunos, sendo 11 adolescentes do sexo masculino (50%), e 11 do sexo feminino (50%), com idade variando entre 16 a 18 anos, como observado na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição da idade dos participantes.

Descrição	N	%
Idade		
15 anos	2	9 %
16 anos	11	50%
17 anos	5	23%
18 anos	4	18%
Total	22	100%

Fonte: Autores, 2025

Na primeira questão, indagou-se aos discentes o seu nível de conhecimento sobre sexualidade. Nas respostas, três (14%) optaram pela opção muito alto, seis (27%) pela alternativa alto, 11 discentes (50%) apontaram a alternativa médio, dois (9%) escolheram a alternativa baixo, e nenhum discente optou pela opção muito baixo, conforme apresentado na Tabela 2. Em um trabalho realizado por Lopes *et al.* (2020) com discentes do Ensino Médio de uma escola pública situada na região Centro-Oeste, do estado de Mato Grosso, percebeu que a maioria dos estudantes tem conhecimento médio sobre sexualidade nessa fase da adolescência, e que estes apresentam dificuldades de entender suas emoções.

Na questão seguinte indagou-se aos participantes sobre o nível de abertura que estes possuem para conversar sobre sexualidade com familiares e responsáveis. Nas respostas, dois discentes (9%) apontaram a alternativa muito fechado, seis (27%) marcaram a alternativa fechado, 10 (46%) responderam nem fechado nem aberto, quatro (18%) responderam aberto, e nenhum apontou a alternativa muito aberto, como observado na Tabela 2. Observa-se que o diálogo sobre sexualidade é ausente em muitas famílias, pois é considerado como um assunto tabu para os pais e filhos, sendo assim a escola pode se tornar um local seguro para a discussão desse tema, sendo indispensável a sua abordagem no ambiente escolar (Bevitório; Gomes; Pirovani, 2019).

Os participantes também foram indagados sobre a principal fonte de obtenção de informações sobre sexualidade. Nas respostas, a fonte mais citada foi a internet (41%), seguido de amigos (27%), irmãos e primos (18%), pais (9%) e escola (5%), como observado na Tabela 2. Comportamento semelhante foi confirmado entre discentes em uma pesquisa realizada por Lopes *et al.* (2020), onde estes buscavam como meio de informação, fontes como internet, amigos, posteriormente entre os pais. Um estudo realizado com adolescentes

em um município situado no nordeste do Brasil (Silva *et al.*, 2015), apontou que diferentemente dos dados obtidos por este trabalho, a escola foi a principal fonte de informação sobre sexualidade, evidenciando que a não discussão de tal conteúdo pode ser algo restrito a realidade local.

Tabela 2. - Distribuição do nível de conhecimento, nível de abertura e qualidade para diálogo no ambiente familiar, e fonte de busca por informações sobre sexualidade.

Descrição	N	%
Nível de conhecimento sobre sexualidade		
Muito alto	3	14%
Alto	6	27%
Médio	11	50%
Baixo	2	9%
Muito baixo	0	0%
Total	22	100%
Nível de abertura para o diálogo sobre sexualidade no ambiente familiar		
Muito fechado	2	9 %
Fechado	6	27%
Nem fechado nem aberto	10	46%
Aberto	4	18%
Muito aberto	0	0%
Total	22	100%
Nível de qualidade do diálogo sobre sexualidade no ambiente familiar		
Muito ruim	0	0%
Ruim	8	36%
Nem bom nem ruim	11	50%
Bom	2	9%
Muito bom	1	5%
Total	22	100%
Fonte de busca por informações sobre sexualidade		
Pais	2	9%
Irmãos/primos	4	18%
Amigos	6	27%

Tios	0	0%
Escola	1	5%
Livros e revistas	0	0%
TV aberta	0	0%
Filmes e séries	0	0%
Internet	9	41%
Total	22	100%

O Q1 também trazia questões que buscavam compreender o comportamento sexual dos participantes. A primeira delas indagou com qual idade ocorreu a primeira relação do participante. Nas respostas, 14 participantes já tiveram alguma relação sexual, sendo 10 anos a menor idade observada, 16 anos a maior idade observada, e um predomínio de primeira relação aos 14 anos (8 – 36%). Um estudo realizado no município de Goiânia, Goiás, com discentes de nono ano, observou predomínio das idades de 13 a 15 anos para a primeira relação sexual, como observado neste estudo (Alves, Zappe; Dell’Aglia, 2015).

Na questão seguinte indagou-se aos estudantes sobre uso do método contraceptivo na primeira relação sexual. Nas respostas, sete discentes (31%) relataram utilizar, sete estudantes disseram que não (31%), e oito estudantes (36%) não responderam, como observado na Tabela 3. Um estudo realizado por das Chagas *et al.* (2020) ao indagar estudantes de uma escola em um município ao Sul do estado de Minas Gerais, apontou que 87,4% dos participantes da pesquisa fizeram uso de métodos contraceptivos em sua primeira relação sexual.

Os estudantes também foram indagados sobre receio de uma gravidez não desejada. Nas respostas, 12 (54%) responderam que temem e nove (40%) que não temem uma gravidez, e apenas um (4%) não respondeu, conforme apresentado na Tabela 3. Os resultados indicam falta de concepção dos riscos ou entendimento limitado sobre a consequência da gravidez na adolescência. Ribeiro *et al.* (2019) realizou um estudo com adolescentes de 13 a 19 anos, e observaram que 88% das adolescentes grávidas não planejaram a gestação. Os autores destacam que os fatores socioeconômicos e culturais têm muita influência sobre o fenômeno tendo uma ênfase maior aos fatores psicossociais oriundos dos meios familiar, social e subjetivo individual.

Na questão seguinte foi indagado aos discentes sobre a ocorrência de relação sexual ocasional sem uso de preservativo. Nas respostas, doze discentes (54%) relataram já ocorreu,

dois (9%) disseram que não, e oito estudantes (36%) não responderam, como observado na Tabela 3. Em uma pesquisa realizada por Beserra *et al.* (2024) com estudantes de escolas estaduais da cidade do Recife –PE, com adolescentes de idade entre 12 e 18 anos, matriculados nos Ensinos Fundamental e Médio, evidenciou que 69,5% dos adolescentes afirmou que ele(a) ou o seu(ua) parceiro(a) utilizou preservativo no último ato sexual. Apesar dos avanços no acesso à informação sobre sexualidade e métodos contraceptivos entre os adolescentes, a adoção efetiva dessas práticas ainda enfrenta obstáculos significativos, como observado em nosso trabalho (da Silva *et al.*, 2024).

Indagou-se também aos discentes sobre a ocorrência de sexo sob efeito de bebida alcoólica. Nas respostas, nove (40%) estudantes responderam a já realização, cinco (22%) relataram que não, e oito (36%) não responderam. Em um estudo realizado por Dallo e Martins (2018) com adolescentes dos primeiros anos do Ensino Médio, em uma escola pública de Curitiba no estado do Paraná, evidenciou que cinco alunos (3,4%) sempre fazem uso de bebidas alcoólicas antes das relações sexuais; sete (4,7%), “Muitas vezes”; 26 (17,6%) as vezes. Em uma pesquisa realizada por Sousa *et al.* (2018), aponta que a falta de informações sobre saúde leva aos adolescentes terem condutas prejudiciais como o uso de bebidas alcóolicas, esses fatores estão relacionados com as condições adversas que necessitam ser contempladas nas estratégias de promoção de saúde e prevenção de agravos.

Tabela 3. - Distribuição do comportamento sexual dos participantes

Descrição	N	%
Idade da primeira relação sexual		
10 anos	1	4%
12 anos	1	4%
13 anos	1	50%
14 anos	8	36%
15 anos	1	4%
Sem resposta	8	36%
Total	22	100%
Uso de método contraceptivo na primeira relação sexual		
Sim	7	31%
Não	7	31%
Sem resposta	8	36%

Total	22	100%
Teme uma gravidez não desejada		
Sim	9	40%
Não	12	54%
Sem resposta	1	9%
Total	22	100%
Relação sexual ocasional sem uso de preservativo		
Sim	12	54%
Não	2	9%
Sem resposta	8	36%
Total	22	100%
Já fez sexo sob efeito de álcool		
Sim	9	40%
Não	5	22%
Sem resposta	8	36%
Total	22	100%

Após a aplicação do Q1, realizou-se uma aula que foi iniciada de forma dialogada, na qual a professora retomou conceitos prévios sobre educação sexual e infecções sexualmente transmissíveis, e logo após apresentou uma situação problema que se tratava de um caso clínico de uma adolescente com 17 anos que apresentava sintomas de uma IST, e que está apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. – Caso problema apresentado aos discentes.

Ana e os sintomas que desapareceram
Ana, 17 anos, chega à Unidade Básica de Saúde (UBS) acompanhada pela mãe. Está assustada porque, há 2 meses, notou uma ferida indolor na vulva, que sumiu sozinha após 3 semanas, ela não procurou ajuda na época por vergonha, e agora, apresenta: Manchas vermelhas nas palmas das mãos e plantas dos pés (não coçam). Febre baixa e mal-estar geral, e gânglios aumentados na virilha.

Dados relevantes:

Sexualmente ativa há 1 ano.

Namora há 8 meses com João (18 anos) e não usa preservativo ("confiava nele").

João está assintomático, mas revela que, antes do relacionamento com Ana, teve contato sexual com outras parceiras.

Exame de gravidez de Ana: positivo (6 semanas).

Exames solicitados pelo médico:

VDRL: reagente (título 1:64).

FTA-ABS: positivo

Fonte: Autores, 2025

A professora entregou o caso clínico para as duas equipes formadas (A e B), e leu em voz alta juntamente com os discentes. Após esse momento a professora explicou que eles teriam 40 minutos para discutir o caso entre eles, bem como formular hipóteses explicativas para o problema identificado, e responder as perguntas norteadoras. Algumas perguntas norteadoras que foram levantadas para discussão nos grupos já formados estão abaixo evidenciadas:

- O que já sabemos?
- O que precisamos saber?
- Que hipóteses levantamos sobre o que Ana tem?
- Como isso poderia ter sido evitado?

Após a leitura do caso clínico de Ana, uma aluna do grupo B questionou o que era hipótese, e como eles tinham que levantar essas hipóteses, a professora respondeu esclarecendo as dúvidas. Os alunos demonstraram grande participação ao longo da discussão em grupo sobre a situação-problema, favorecendo a troca de conhecimentos e criando um ambiente adequado para o aprendizado. Tais observações estão alinhadas ao trabalho de Dos Santos (2019), que observa que ABP é uma metodologia capaz de estimular e ampliar o interesse dos alunos, além de despertar o seu conhecimento, uma vez que nesse método os discentes são protagonistas do seu próprio processo de ensino aprendizagem.

Após ler o caso clínico, uma aluna do grupo A, assustada com o caso de Ana, relatou que já teve sintomas parecidos com o problema proposto, com manchas avermelhadas nas mãos, mas que esses sintomas tinham desaparecido, e por isso não procurou ajuda médica. Nesse momento, a professora buscou tranquilizar a aluna, e orientou que seria importante ela relatar aos pais ou responsáveis sobre o assunto em questão. O caso pode despertar maior consciência sobre a importância do uso de preservativos, consultas médicas periódicas e diálogo com parceiros sobre práticas sexuais seguras, permitindo que os discentes percebam que estão sujeitos a situações semelhantes e, assim passem a refletir sobre sua saúde.

Em seguida a professora disponibilizou um material sobre diversas IST's existentes, para que cada grupo fizesse uma pesquisa ativa, e comparasse entre elas. Observa-se entretanto que não basta saber qual a doença, mas também outras informações relacionadas a enfermidade, alunos foram estimulados a pesquisar e responder as seguintes indagações:

- O que é a doença?
- Agente causador, sintomas, estágios da doença.
- Formas de transmissão.
- Prevenção e tratamento.
- Como o SUS atua nesse contexto?

Observa-se que no ABP não basta apenas identificar o problema, mas aprender com ele por isso perguntas norteadoras. Na execução dessa metodologia, o professor deixa a postura de orador e passa a ser um mediador da informação, sempre buscando que os discentes analisem e cheguem às suas próprias conclusões (Miranda; Moret; Silva; Simão, 2020).

Após a discussão dos grupos, os alunos escolheram um representante dos grupos A e B para apresentar suas descobertas sobre o caso de Ana. A representante do grupo A respondeu que Ana se encontra com uma infecção sexualmente transmissível. Já o grupo B apontou que Ana teve relações com seu parceiro sem preservativo, está grávida, e deve tomar certos cuidados. Os alunos foram estimulados a responder quais informações a junta médica precisa obter para melhor tratar o caso de Ana. O grupo B respondeu que precisam saber se Ana teve outros parceiros além de João, se está tendo acompanhamento na gestação, e se ela já fez exames regulares.

Pedi-se posteriormente que os alunos levantassem hipóteses sobre a doença de Ana. O grupo A respondeu que possivelmente Ana está com Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Já o grupo B respondeu corretamente que Ana tem sífilis secundária, chegando à conclusão que a IST em questão era a sífilis. Ao ver fotos de recém nascidos que

contraíram a sífilis congênita, uma aluna do grupo, comentou: “a mãe ao descobrir a infecção deveria evitar ter filhos, ou tratar a infecção para evitar transmitir para a criança”. A sífilis é uma IST que preocupa os órgãos de saúde no Brasil, pois a taxa de detecção desta doença em gestantes com faixa etária entre 15 e 19 anos também tem aumentado nos últimos anos, subindo, respectivamente, de 18,3 para 25,9 por 100 mil habitantes (Brasil, 2019).

Os alunos também foram estimulados a responder como tudo isso poderia ter sido evitado. O grupo A respondeu que Ana deveria ter conversado com seu parceiro antes do ato sexual e ter usado os possíveis métodos contraceptivos evitando a gravidez na adolescência e a possível infecção. O grupo B relatou que poderia ter sido evitado com o uso de preservativos, educação sexual, consulta e exames preventivos.

O Programa Saúde na Escola do Governo Federal (decreto 1.004/2023) tem a educação sexual como prioridade, o seu projeto tem como tema “saúde sexual e reprodutiva e prevenção a HIV/IST” (Brasil, 2023). Neste sentido, ao se discutir sobre sexualidade, é importante introduzir as ISTs no ambiente escolar, utilizando estratégias que estimulem a participação ativa dos estudantes, de modo a alcançar uma aprendizagem significativa, com relevância ao cotidiano do aluno (Silva; Pires, 2020). Após a aplicação do método ABP, a professora propôs uma discussão profunda sobre a sífilis, prevenção e responsabilidade, utilizando-se do tema para promoção da saúde na escola.

Na aula posterior a aplicação do método Aprendizagem Baseada em Problema (ABP), os alunos responderam ao Q2, que avaliava inicialmente suas percepções para a aula e o tema escolhido. Observou-se a ausência de sete alunos que estavam presentes na primeira aula, e por isso o Q2 é composto por um total de 15 participantes. Na primeira questão, os discentes foram indagados consideram importante trabalhar o tema sexualidade na escola. Nas respostas, 14 (93%) apontaram que sim, e um discente (7%) respondeu que não, conforme apresentado na Tabela 4.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1946 estabeleceu que saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, não se caracterizando apenas como uma condição em que se encontra doente ou enfermo (Brasil, 2021). Nesse sentido, saúde e educação são direitos humanos interligados, e agora mais do que nunca, as escolas devem se tornar lugares que promovam, protejam e estimulem a saúde, contribuindo diretamente ao bem-estar dos discentes, e ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, em um local de aprendizagem seguro (OMS, 2022).

Na segunda questão, foi perguntado aos participantes se haviam aprovado a utilização do método ABP para a discussão do tema sexualidade. Todos os 15 participantes (100%)

responderam positivamente, demonstrando aceitação unânime em relação à metodologia aplicada, como observado na Tabela 4. O resultado evidencia o potencial das metodologias ativas como estratégias eficazes no contexto educacional. Tais abordagens têm ganhado destaque nas práticas pedagógicas contemporâneas por promoverem a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem (Bem, 2023). Ao serem desafiados a resolver problemas, atuar em grupo, realizar pesquisas e participar de debates e atividades práticas, os alunos desenvolvem não apenas conhecimentos conceituais, mas também habilidades cognitivas e socioemocionais fundamentais para sua formação integral (Amorim; Ferreira, 2024).

Na terceira questão, buscou-se compreender a percepção dos estudantes sobre a qualidade da aula realizada. Os dados apresentados, indicam que oito discentes (53%) avaliaram a aula como excelente, e 6 (40%) como boa, evidenciando uma avaliação amplamente positiva, como mostrado na Tabela 4. Esse resultado reforça a aceitação da proposta metodológica, refletindo o envolvimento, o interesse e a valorização do conteúdo trabalhado por parte dos discentes.

Esse tipo de abordagem pedagógica contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades consideradas fundamentais para enfrentar os desafios da contemporaneidade, como o pensamento crítico, a tomada de decisões e a capacidade de se posicionar diante de temas complexos e socialmente relevantes (Ruivo; Oliveira; Carvalho, 2019). Para planejar e implementar uma estratégia didática baseada na contextualização, é imprescindível que o professor busque compreender as perspectivas dos estudantes em relação aos conteúdos abordados (da Silva *et al.*, 2024).

Em uma pesquisa realizada por Cristóvão (2018) foi possível observar contribuições significativas para a aprendizagem em educação sexual por meio da aplicação da ABP, sendo este método apontado pelos participantes como essencial para a construção do conhecimento.

A quarta questão abordou o nível de aprendizado percebido pelos estudantes a partir da aula realizada. A análise demonstrou que sete discentes (47%) classificaram o seu nível de aprendizado para o tema como excelente, cinco (33%) como bom e três (20%) como intermediário, como observado na Tabela 1. Esses dados revelam que a maioria dos estudantes identificou avanços relevantes em sua aprendizagem, reforçando a efetividade da metodologia empregada. Esses achados estão em consonância com Souza e Dourado (2015), que destacam que o uso de situações-problema como ponto de partida para promoção de uma abordagem transdisciplinar centrada na formulação de perguntas e na busca por soluções dentro dos conteúdos curriculares.

Na última questão, indagou-se se a aula realizada trouxe reflexões sobre a atividade sexual do discente. Todos os 15 participantes (100%) responderam afirmativamente, indicando que a situação-problema proposta gerou impacto positivo na reflexão sobre o tema, como observado na Tabela 4. Essa prática estimula atividades educativas pautadas em discussões críticas e reflexivas, com envolvimento individual e coletivo dos estudantes (Souza; Dourado, 2015). Segundo Ikegiri (2019), a discussão relacionada à sexualidade dos adolescentes no ambiente escolar estimula a reflexão e o desenvolvimento de sentimentos, comportamentos e conhecimentos compartilhados sobre o tema, levando-se em consideração suas angústias e inseguranças, e focando na discussão dos aspectos afetivos e históricos associados à vivência da sexualidade.

Tabela 4. Percepção dos discentes sobre o método utilizado

Descrição	N	%
Você considera trabalhar o tema sexualidade na escola algo importante?		
Sim	14	93%
Não	1	7%
Total	15	100%
Você gostou do método escolhido para trabalhar o tema?		
Sim	15	100%
Não	0	0%
Total	15	100%
Qual sua percepção da qualidade da aula realizada?		
Excelente	8	53%
Boa	6	40%
Intermediária	1	7%
Ruim	0	0%
Péssima	0	0%
Total	15	100%
Qual seu nível de aprendizado a partir da aula realizada?		
Excelente	7	47%
Bom	5	33%

Intermediária	3	20%
Ruim	0	0%
Péssima	0	0%
Total	15	100%
A aula realizada te trouxe reflexões sobre sua atividade sexual?		
Sim	15	100%
Não	0	0%
Total	15	100%

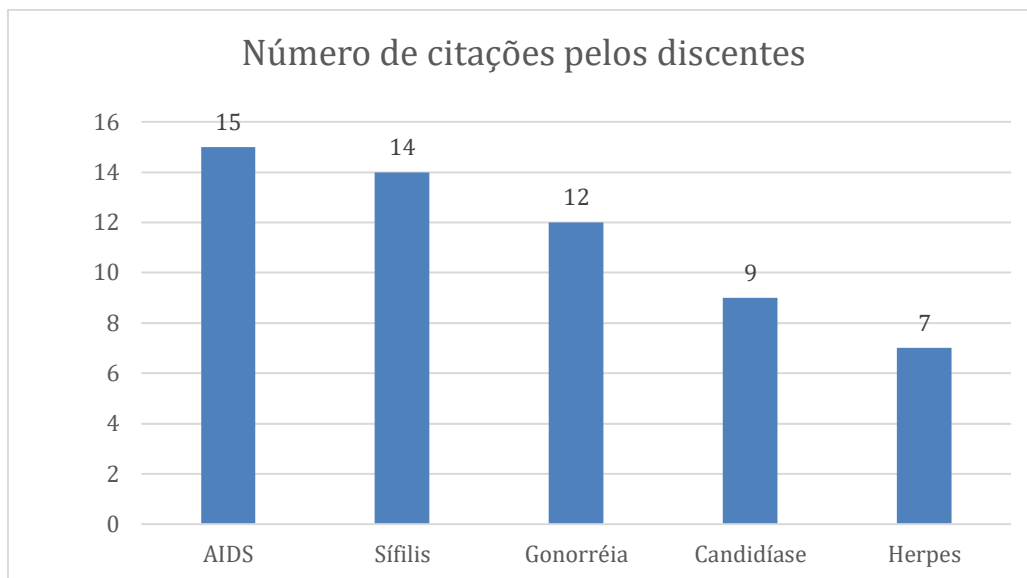
Fonte: Autores, 2025

A última questão do Q2 indagava aos discentes sobre quais infecções eles conheciam. Era permitido ao discente citar mais de uma doença, destacando-se a AIDS como mais citada (15 citações), seguida por sífilis (14 citações), gonorréia (12 citações), candidíase (nove citações), e herpes (sete citações), como observado na Imagem 1

Ministério da Saúde do Brasil aponta diversos tipos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), sendo as mais prevalentes: sífilis, vírus do papiloma humano (HPV), hepatites B e C, gonorreia, clamídia, tricomoníase, candidíase, gardnerella e herpes simples (HSV) (Brasil, 2020). Dentre essas, apenas clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase são infecções curáveis; as demais possuem tratamento contínuo para controle dos sintomas e da carga viral (Unemo *et al.*, 2017).

Os primeiros casos de AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) foram identificados no início da década de 80, dois anos depois, foi descoberto o HIV (vírus da imunodeficiência humana), todavia, mesmo após 30 anos, ainda nos deparamos com desafios para a compreensão dos vários aspectos sobre essa doença (Polejack *et al.*, 2010). Segundo de Souza (2025) uma das IST's que mais afetam os adolescentes é a sífilis, assim, também sendo bem comum entre a população em geral, e também os jovens. Desse modo a AIDS e a sífilis têm sido foco de intensas campanhas de prevenção e conscientização na mídia, justificando que sejam as mais conhecida entre os jovens participantes deste trabalho.

Imagem 1. Infecções Sexualmente Transmissíveis citadas pelos discentes.



Fonte: Autores 2025

A análise dos dados coletados ao longo da pesquisa mostrou aspectos preocupantes e, ao mesmo tempo, reveladores sobre o comportamento e a percepção dos discentes em relação à sexualidade. A maioria dos estudantes demonstrou ter conhecimento apenas intermediário sobre o tema, e grande parte utiliza a internet como principal fonte de informação, em vez da escola ou dos responsáveis, o que reforça a ausência de diálogo familiar e a carência de abordagens no âmbito escolar.

O uso de métodos contraceptivos na primeira relação sexual apresentou-se como infrequente entre os participantes, assim como a existência de relações sexuais ocasionais sem preservativo e o envolvimento com álcool antes do ato sexual. Esses comportamentos demonstram exposição a riscos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidez precoce, apontando para uma urgência de intervenção educativa mais eficiente e contínua.

Com a aplicação do método ABP, notou-se uma mudança significativa no engajamento dos estudantes. As falas e interações durante as atividades demonstraram envolvimento, empatia e, principalmente, reflexão crítica sobre suas próprias práticas. Um dos momentos mais marcantes foi quando uma aluna se identificou com a situação-problema e compartilhou uma experiência pessoal. Foi ali que percebeu-se como trazer a realidade para a sala cria conexões verdadeiras e cuidado com a própria saúde. Através dos questionários e das respostas dos alunos percebe-se que os estudantes tiveram uma percepção positiva da qualidade da aula o que reforça a efetividade da ABP como uma abordagem transformadora ao propor que o discente seja protagonista do seu processo de aprendizagem, a metodologia promove uma compreensão mais profunda e contextualizada dos temas discutidos.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa revelou conhecimento intermediário sobre sexualidade entre estudantes, com a internet como principal fonte de informação, evidenciando lacunas familiares e escolares. Comportamentos de risco, como uso inconsistente de preservativos e envolvimento com álcool, destacaram vulnerabilidades a ISTs e gravidez precoce dos estudantes participantes. Nesse contexto, aponta-se a necessidade da realização de um estudo com maior público amostral, buscando-se uma identificação de lacunas sobre o tema sexualidade no ensino público de Uruçuí, que possam subsidiar ações educacionais integradas no Ensino Fundamental e Médio.

A partir da aplicação do método ABP, os estudantes se envolveram ativamente, refletindo sobre suas próprias atitudes e compartilhando experiências reais. A metodologia ABP demonstrou eficácia ao promover engajamento, reflexão crítica e conexão com a realidade, melhorando a percepção dos alunos sobre o tema. A abordagem incentivou o protagonismo discente, reforçando a necessidade de intervenções educativas contínuas e contextualizadas. Durante a execução da atividade, a sala de aula deixou de ser apenas um ambiente conteudista e virou um espaço de troca e cuidado. Nesse sentido, apontamos que a escola deve conseguir se comunicar com os jovens, e os fazer refletir sobre suas escolhas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cássia Ferrazza; ZAPPE, Jana Gonçalves; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Índice de Comportamentos de Risco: construção e análise das propriedades psicométricas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 32, n. 3, p. 371-382, 2015.

AMORIM, Risonete Gomes; FERREIRA, Edilene Da Silva. Letramento digital dos alunos: a gamificação como estratégia para o ensino e aprendizagem em turmas dos primeiros anos do ensino médio integrado do Ifac. **The ESpecialist**, v. 45, n. 2, p. 90-106, 2024.

AURINO, Ana Débora Batista. **Educação sexual: estratégias metodológicas para o ensino médio**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

BEVITÓRIO, L. Z.; GOMES, M. L. M.; PIROVANI, J. C. M. Uso de jogos didáticos como estratégia para o ensino de educação sexual no ensino médio. **Enciclopédia biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v. 16 n. 30, p. 614-629, 2019

BESERRA, M. A. et al. Comportamentos de risco relacionados à práticas sexuais em adolescentes de escolas públicas da cidade do Recife. **Aracê**, v. 6, n. 4, 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. **Cartilha infecções sexualmente transmissíveis (IST)**. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/prex/publicacoes-da-extensao/Cartilha_Infeccoes_Sexualmente_Transmissiveis_IST_compressed20200610132403.pdf. Acesso em: 03 jul. 2025

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que significa ter saúde?**. Brasília, DF, 2021.

BEM, Bruno Costa de. **Metodologias ativas e gamificação na educação básica: ferramenta plickers aplicada em curso técnico do ensino médio**. 108 p. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Informação e Comunicação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Araranguá, Araranguá, 2023.

CAD, S.; PÚBLICA, R.; DE, J. **Sobre a experiência sexual dos jovens Young people's sexual experience**. v. 22, n. 11, p. 2467–2472, 2006.

Cristovão, A. J. **Sexualidade em discussão: uma proposta pedagógica para o Ensino Fundamental a partir da Aprendizagem Baseada em Problema (ABP)**. Árina Jaíne Cristovão. - Vitória de Santo Antão, 2018. 33 folhas.

DALLO, L.; MARTINS, R. A. Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 303-314, 2018.

DAS CHAGAS PAIVA, E. M. et al. Uso de métodos contraceptivos entre acadêmicos da área da saúde. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 41, n. 2S, p. 331-340, 2020.

DA SILVA, Verônica Scolari et al. Conscientização sexual entre jovens para prevenir gravidez precoce: revisão integrativa. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 10, p. e5789-e5789, 2024.

DE SOUZA, A. P. B.; LUQUETTI, E. C. F.; TORRES, L. S. Abordagens inovadoras para o ensino de estudantes de Medicina: uma análise de métodos ativos de aprendizagem. **Revista Philologus**, v. 29, n. 85, p. 35-41, 2023.

FERREIRA, Marcelo; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. A análise de conteúdo como estratégia de pesquisa interpretativa em educação em ciências. **REVELLI–Revista de Educação, Língua e Literatura**, v. 6, n. 2, p. 33-49, 2014.

FONTELLES, Mauro José et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

Ikegiri, Aparecida Cavalcante. Educação Sexual para Adolescentes. **Dracidinha**, 2019. Disponível em:<<https://www.dracidinha.com.br/educacao-sexual-para-adolescentes/>>. Acesso em: 3 de out de 2023.

LOPES, Inara Rege et al. Perfil do conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 4, p. e3101-e3101, 2020.

MALDONADO, Kalyane Kélem Ávila; SUDÉRIO, Fabrício Bonfim. Metodologias de intervenção pedagógica no ensino de temáticas sobre sexualidade no Ensino Médio. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 12, n. 4, p. 1-24, 2021.

MELO, B. R.; BAGGIO, M. R. V.; SANDRA, P. Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). In: SANTOS, Mariana Alvina dos; LARA, Ellys Marina de Oliveira; LUCHESI, Bruna Moretti. Guia prático de introdução às metodologias ativas de aprendizagem. **Guia prático de introdução às metodologias ativas de aprendizagem**. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2022. p.33-39.

MIRANDA, R. V et al. Ensino Híbrido: Novas Habilidades Docentes Mediadas pelos Recursos Tecnológicos. **EaD em Foco**, v. 10, n. 1, 2020.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Transformar cada escola em uma escola promotora de saúde: Padrões e indicadores globais**. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde; 2022.

POLEJACK, L.; SEIDL, E. M. F. Monitoramento e avaliação da adesão ao tratamento antirretroviral para HIV/aids: desafios e possibilidades. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, p. 1201-1208, 2010.

RIBEIRO, W. A *et al.* A gravidez na adolescência e os métodos contraceptivos: a gestação e o impacto do conhecimento. **Nursing Edição Brasileira**, v. 22, n. 253, p. 2990-2994, 2019.

SILVA, R. A. R. et al. Comportamento sexual e fatores associados em adolescentes de escolas públicas de um município do Nordeste brasileiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 68, n. 3, p. 456-463, 2015.

SOUSA, A. A. R.; COSTA, W. C. S. Educação Sexual: Educação para a vida. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 1, p. 1322-1327, 2023.

SOUSA, Bárbara Cabral de et al. Comportamento sexual e fatores associados em adolescentes da zona rural. **Revista de Saúde Pública**, v. 52, p. 39, 2018.

SOUZA, S. C. de; DOURADO, L. Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): Um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo. **HOLOS**, v. 5, p. 182–200, 2015

UNAIDS (Brasil). Joint United Nations Program on HIV/Aids. (2020). Global Aids Update 2020: relatórios.

UNEMO, Magnus. et al. Sexually transmitted infections: challenges ahead. **The Lancet infectious diseases**, v. 17, n. 8, p. 235-279, 2017.

